

Perfil sociolinguístico dos surdos de São Carlos: o bilinguismo bimodal Libras/ língua portuguesa

Sociolinguistic profile of deaf people in São Carlos: the bimodal bilingualism Libras/Portuguese Language

Perfil sociolingüístico de las personas sordas en São Carlos: el bilingüismo bimodal Libras/lengua portuguesa



Cássio Florêncio Rubio

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil.

E-mail: cassiorubio@ufscar.br



Joyce Cristina Souza

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil.

E-mail: joyce.souza@ufscar.br

Resumo: A presente pesquisa objetiva apresentar uma caracterização sociolinguística da comunidade surda da cidade de São Carlos. Para a análise de 30 inquéritos, aplicados aos surdos do município localizado na região Central do Estado de São Paulo, empregamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística (LABOV, 1966, 2008) e da Sociolinguística das línguas de sinais (LUCAS, 2004). Os resultados apontam contexto de bilinguismo bimodal, com a língua portuguesa exercendo papel importante na comunicação e apresentando *status* elevado na comunidade, apesar de constituir-se em língua de emprego apenas na modalidade escrita.

Palavras-chave: Perfil sociolinguístico. Avaliação linguística. Libras. Surdo. Bilinguismo bimodal.

Abstract: This research aims to present a sociolinguistic characterization of the deaf community in the city of São Carlos. For the analysis of 30 surveys, applied to the deaf in the city located in the Central region of the State of São Paulo, we used the theoretical assumptions of Sociolinguistics (LABOV, 1966, 2008) and Sociolinguistics of sign languages (LUCAS, 2004). The results point to a context of bimodal bilingualism, with the Portuguese language playing an important role in communication and having a high status in the community, despite being a language of employment only in the written modality.

Keywords: sociolinguistic profile. linguistic evaluation. Libras. deaf. bimodal bilingualism.

Resumen: Esta investigación propone presentar una caracterización sociolingüística de la comunidad sorda en la ciudad de São Carlos. Para análisis de 30 encuestas, aplicadas a los sordos en el municipio de la Región Central del Estado de São Paulo, se utilizaron los supuestos teóricos de Sociolingüística (LABOV, 1966, 2008) y Sociolingüística de la lengua de signos (LUCAS, 2004). Los resultados apuntan a un contexto de bilingüismo bimodal, con la lengua portuguesa jugando un papel importante en la comunicación y teniendo un alto estatus en la comunidad, a pesar de ser una lengua de trabajo solo en la modalidad escrita.

Palabras clave: perfil sociolingüístico. evaluación del lenguaje. Libras. sordo. bilingüismo bimodal.

Submetido em 29 de março de 2021.

Aceito em 17 de agosto de 2021.

Publicado em 08 de dezembro de 2021.

Introdução

Os membros das comunidades surdas de todo Brasil convivem com uma realidade linguística bastante diferente da maioria das comunidades de ouvintes, pois, em seu dia a dia, nas mais variadas situações, empregam alternadamente a língua portuguesa e a língua brasileira de sinais (Libras). O resultado do contato entre essas duas línguas faz com que o surdo se torne um sujeito bilíngue. Assim, a condição de bilinguismo surdo se instaura à medida que ele, além da sua língua matriz¹, tenha conhecimento e faça uso da outra língua (no caso o português).

Ainda que as pessoas surdas possam adquirir a Libras como primeira língua, o contato com a língua falada no país é crucial e inevitável. A aquisição e desenvolvimento dessas línguas por parte dos surdos, todavia, ocorre de forma heterogênea e ímpar, haja vista os diferentes contextos em que estão socialmente inseridos.

Não obstante, fatores externos, como língua familiar, ambiente escolar, relações sociais, emprego de ferramentas tecnológicas, e internos, a identidade de grupo, a avaliação das línguas e até mesmo o emprego de recursos clínico-terapêuticos e/ou auditivos, como o aparelho de amplificação sonora e o implante coclear, podem influenciar os usos linguísticos e a relação dos usuários com as línguas.

Vale salientar que, diante das várias possibilidades de emprego do termo bilinguismo e sua respectiva significação e definição, o uso que as pessoas fazem, considerando as diferentes línguas em contextos variados, é uma questão relevante que vale ser observada. O bilinguismo vivenciado pela pessoa surda implica lidar com duas línguas de modalidades distintas, o português – que, apesar de ser uma língua de natureza oral-auditiva, na perspectiva dos surdos, é empregado na modalidade escrita – e a Libras, uma língua de modalidade tridimensional, que envolve os aspectos vi-

¹ Compreendendo língua matriz como a língua de “constituição subjetiva e linguística” do sujeito surdo, que, neste caso, é a língua brasileira de sinais (SOUZA, 2020, p. 219).

sual, espacial e gestual. Dessa forma, há uma situação de emprego de línguas em modalidades diferentes, ou de bilinguismo bimodal.

Embora se apresente como concreta essa configuração linguística das comunidades surdas e embora haja relatos em textos acadêmicos sobre a caracterização de indivíduos surdos em relação ao contexto familiar, escolar e social, são bastante escassos os trabalhos que se dedicam a apontar de forma quantitativa o perfil sociolinguístico das comunidades, sendo mais comuns trabalhos de cunho observacional, com apresentação, por exemplo, de estudos de caso, quase sempre centrados em número limitado de indivíduos^{2,3,4}.

Diante disso, este trabalho tem o objetivo de apresentar um panorama sociolinguístico da comunidade surda de São Carlos, com base numa análise quantitativa expressiva de seus membros, com o intuito de proporcionar maior conhecimento sobre a realidade do grupo, confirmar a configuração linguística apontada pelos trabalhos observacionais e fornecer mais subsídios para o processo de aquisição da linguagem das crianças surdas e para as práticas pedagógicas no ambiente escolar.

O texto configura-se com a seguinte organização: inicialmente, apresentam-se os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa e trabalhos relacionados à problematização da temática. Na sequência, expõe-se, de forma sucinta, a metodologia empregada nas etapas investigativas. Posteriormente, evidenciam-se os resultados da coleta de dados proposta pela pesquisa, os quais, em conjunto com a retomada dos pressupostos teóricos, fornecerão subsídios para as considerações finais.

2 Consultar, por exemplo, estudos realizados por Góes (1999), Sousa (2015), Tostes (2018) e Souza (2020).

3 Destaca-se, entretanto, a importância desses estudos, os quais, de forma pioneira, lançam luz à realidade até então desconhecida.

4 O número limitado de informantes presentes nas pesquisas da área justifica-se pelo reduzido número de pessoas integrantes das comunidades surdas, o que será melhor debatido mais adiante.

1. Pressupostos teóricos

A sociolinguística tem como objeto de pesquisa a heterogeneidade no emprego de uma língua e a caracterização do contato entre diferentes línguas, concebendo-as em constante relação com a sociedade (LABOV, 1966, 2008). A investigação, por consequência, centra-se sempre na língua inserida em um contexto social, empregada por usuários reais em situações concretas de interação. Há, nessa concepção, heterogeneidade no indivíduo e na(s) comunidade(s) da(s) qual(is) ele participa.

Para Lucas (2004, p. 4), as investigações sociolinguísticas das línguas de sinais, diferentemente do que ocorre com pesquisas das línguas orais, ainda acontecem de forma limitada, por diversos fatores, dentre eles: i) a desconsideração da relação entre a língua oral da comunidade majoritária e a língua de sinais dentro e **fora do ambiente educacional**; ii) o conhecimento ainda limitado da estrutura linguística das línguas de sinais; iii) o não reconhecimento das línguas de sinais como línguas reais e funcionais; iv) a tentativa de aplicação de modelos sociolinguísticos das línguas orais em pesquisas com línguas de sinais.

É importante que essas barreiras sejam transpostas, pois, se do ponto de vista social, há uma avaliação das línguas, principalmente se uma língua é a oficial ou padronizada; do ponto de vista linguístico, como menciona Petter (2015, p. 15), não se pode estabelecer nenhuma distinção entre as línguas, ou mesmo entre uma língua e o que se denomina normalmente de dialeto, que nada mais é que uma variedade regional menos prestigiada socialmente. Para a autora, inclusive, a diferenciação com base no conceito de língua e de dialeto não auxilia em nada uma análise linguística, sendo mais frutífero recorrer apenas às designações de língua e de variedade linguística.

Petter (2015, p. 14-15) enfatiza que:

A língua é um sistema de comunicação constituído por sons verbais (a língua oral) ou por sinais (a língua de sinais) [...] não há nada que distinga de dialeto, que é uma forma de expressão regional, utilizada também com a finalidade de estabelecer comunicação.

As línguas constituem-se sempre por meio de relações sociais entre os diferentes indivíduos de uma comunidade, sendo uma forma de interação que possibilita o estabelecimento de vínculos somente experimentados pelos humanos. Elas são sempre fruto da “criação coletiva dos povos” que as empregam, não sendo possível a um indivíduo criar uma língua natural (LUCCHESI, 2015, p. 48).

O olhar investigativo deve se centrar na coletividade e na diversidade de situações nas quais as línguas naturais são efetivamente usadas e na observação das relações e valores sociais estabelecidos e revelados nas interações verbais. Interessam os padrões coletivos de comportamento linguístico revelados em seu *habitat* natural, as comunidades de fala, e importam também a caracterização e as inúmeras relações estabelecidas entre essas diferentes comunidades.

Não há um limite bem definido, inclusive, entre uma comunidade de fala e outra, pois não é o emprego dos mesmos elementos linguísticos ou o mesmo comportamento linguístico que as definem, e sim o efetivo compartilhamento de um conjunto de normas, que podem, inclusive, ser evidenciadas por diferentes comportamentos avaliativos (LABOV, 2008, p. 150).

As comunidades de fala podem não apresentar somente comportamentos diversos em relação ao emprego de uma mesma língua, mas sim em relação ao emprego de línguas diferentes, o que se verifica, por exemplo, em contextos de línguas em contato.

Lucchesi (2008) afirma que o contato linguístico é uma prática que sempre ocorreu na história das línguas humanas, sendo proporcionado pela convivência e pelo estabelecimento das relações

comerciais de troca, ou relações de domínio político, militar, de cultura ou de ideologia entre os povos que possuem línguas diferentes. Essas diferentes relações interferem diretamente no emprego e no desenvolvimento de uma língua, principalmente se ela não é de maior emprego e prestígio na comunidade.

Desse modo, conforme aponta Groesjan (2008 *apud* QUADROS, 2019, p. 153), o modo ativado das línguas se dá quando a língua usada é escolhida pelo falante/sinalizante por razões que podem ser de ordem psicológicas e linguísticas em determinado contexto. Com base nesses apontamentos gerais sobre as línguas, passamos a tratar, na sequência, do contexto das línguas de sinais e dos surdos usuários da Libras no Brasil.

1.1 O contexto linguístico das pessoas surdas

No contexto de contato linguístico entre as línguas de sinais e as línguas orais, Woll *et al.* (2004) apontam uma situação de diferença considerável de *status* entre essas formas de comunicação, pois as crianças surdas se veem, no ambiente escolar, diante da necessidade de aprender a ler e escrever a língua falada, enquanto as pessoas ouvintes não aprendem, necessariamente, a língua de sinais. Há, dessa forma, um nítido domínio das pessoas ouvintes e de seus valores sobre os surdos.

Essa imposição da língua oral sobre a língua de sinais põe em xeque inclusive o *status* das línguas de sinais naturais como línguas reais (WOLL *et al.*, 2004), e torna a situação de bilinguismo dos surdos compulsória (QUADROS, 2016), uma vez que esses sujeitos são oriundos de uma minoria linguística e não lhes é dada a opção de quererem ou não aprender a língua majoritária do país.⁵

Rodrigues e Baalbaki (2014), considerando especificamente o contexto de contato observado no Brasil entre a Libras e o portu-

⁵ Especificamente em relação ao contexto dos surdos, Woll *et al.* (2004) destacam que alguns indivíduos, por não possuírem contato com outros surdos e não pertencerem a uma comunidade linguística, desenvolvem seu próprio sistema de comunicação com os ouvintes ao seu redor por meio de um sistema de gestos, denominados de "sinais caseiros". Essa forma de comunicação, no entanto, segundo os autores, não deve ser comparada às línguas de sinais empregadas em comunidades surdas, que possuem a mesma funcionalidade das línguas orais.

guês, evidenciam um processo produtivo de empréstimos como recurso de ampliação e renovação do léxico, muito semelhante ao que ocorreu e ocorre com línguas orais. As pesquisadoras destacam, inclusive, a “perfeita integração” do empréstimo à língua que o toma. Os empréstimos normalmente ocorrem do português para a Libras, o que se justifica, para as autoras, por ser a comunidade surda um segmento de minoria linguística, com o emprego de uma língua ágrafa, que aprende a modalidade escrita do português em ambiente escolar.

No Brasil, essa situação não se restringe à Libras, pois a língua portuguesa se constitui em língua oficial e de unidade nacional, e muitas outras línguas estão presentes em comunidades minoritárias de todo o território, como as comunidades indígenas.

Normalmente, essas comunidades empregam na comunicação intergrupo uma língua histórica e culturalmente constituída, e recorrem à língua portuguesa para comunicação nas demais situações, fora de suas comunidades.

Encontra-se em situação de bilinguismo em território brasileiro, por exemplo, parte das populações indígenas, que ainda preserva suas línguas étnicas orais como maternas e, em idade escolar, adquire o português oral e escrito como segunda língua (MAHER, 2005; MEGALE, 2005).

Os surdos, em sua maioria, apresentam um contexto de bilinguismo bastante complexo e peculiar, que depende de inúmeras variáveis sociais e contextuais, como perfil sociolinguístico dos familiares, atendimento especializado em setores de saúde e educação, políticas governamentais locais, regionais e federais, além da própria avaliação que o próprio indivíduo faz das línguas em contato (Libras e português) (LACERDA; SANTOS, 2018).

Ademais, o bilinguismo em que os surdos estão inseridos, quase sempre, é bimodal, pois opõe modalidades diferentes de língua, com a Libras se apresentando em meio visuoespacial e o português sendo empregado somente na modalidade escrita.

Essa caracterização excepcional do contexto desses indivíduos por si já constitui motivo para grande heterogeneidade sociolinguística nas comunidades surdas, todavia, associado a isso há ainda o fato de, frequentemente, não haver plena possibilidade de inclusão no ambiente educacional e na vida em sociedade, constituindo-se esse mais um fator gerador de perfis heterogêneos.

Há ainda outro contexto evidenciado na comunidade, o dos surdos que recorrem a procedimentos como o implante coclear e recuperam parte da audição ou aqueles que optam por terapias de reabilitação auditiva, aderindo ao tratamento e uso do aparelho de amplificação sonora individual (AASI), ocasionando o emprego da modalidade oral da língua portuguesa, que pode ou não se dar em conjunto com a Libras e o português escrito⁶.

Nesses contextos, a interferência de uma língua sobre a outra condicionar-se-á às relações sociais que o indivíduo experiencia em sua comunidade (WEINREICH, 2011).

Mackey (1972 *apud* KRUG, 2004, p. 20) defende que o bilinguismo não é um conceito absoluto e sim relativo, e não se deve afirmar que um indivíduo é bilíngue ou não, mas sim em que medida ou sentido ele é bilíngue. Cabe, dentro dessa perspectiva, investigar: Quantas línguas estão relacionadas? Que tipo de língua é empregada e em que situações? Que influências uma língua exerce sobre a(s) outra(s)? Que possíveis oscilações pode haver quanto ao emprego das línguas durante a vida da pessoa? Qual a ordem de aquisição? Quais as funções sociais desses usos de acordo com os usuários e com as situações reais? Em resumo, segundo o autor, é essencial, na descrição do bilinguismo, considerar que este irá variar de indivíduo para indivíduo, a depender de fatores como grau, função, alternância e interferência.

Para medir o grau de bilinguismo, Krug (2004) ressalta a importância de se verificar as capacidades de escrita e fala, além da proficiência em relação aos níveis constitutivos das línguas em

⁶ Não é intuito deste trabalho estabelecer debate sobre as diferentes posições assumidas pelas famílias e pelos surdos em relação à surdez e em relação à opção pelo implante coclear ou o aparelho auditivo. O objetivo, como exposto, é tomar conhecimento do perfil da comunidade de modo geral.

contato. Quanto à função, é importante verificar a externa, observando-se as zonas de contato entre línguas e, ainda, as funções internas, com empregos vinculados ao próprio falante, em situações do dia a dia. Na análise da alternância, investiga-se o quanto as línguas são empregadas em diferentes funções de interação. Na observação da interferência, é considerado o conjunto de elementos de uma língua que pode estar, de alguma forma, presente na outra.

Aguilera e Busse (2008, p. 13) apontam que, em uma situação de bilinguismo, não são apenas as línguas que estão em contato, mas também culturas, que passam a ocupar o mesmo espaço. Além disso, apresentam-se modos diferentes de “pensar e organizar a realidade”, que, por sua vez, revelam-se nos processos de interação. O falante bilíngue emprega duas línguas de acordo com a situação comunicativa, com os interlocutores e com seus objetivos, de forma seletiva, coletiva ou simultânea.

As situações de bilinguismo que são verificadas no convívio do português com línguas minoritárias e de minorias étnicas assumem condição dinâmica e gradativa nas situações de interação social. Esse dinamismo ocasiona não somente o bilinguismo, mas também o biculturalismo, haja vista a necessidade do indivíduo bilíngue de se relacionar e se identificar com os grupos linguísticos em contato, ou seja, há a possibilidade de que esse indivíduo constitua uma identidade com traços de ambas as culturas (AGUILERA; BUSSE, 2008).

Para Moreno Fernandes (1998 *apud* AGUILERA; BUSSE, 2008), o falante bilíngue faz operações com instruções de comunicação nas duas línguas, o que exige, além do domínio da língua, o planejamento de ações relacionado à situação comunicativa. Esse domínio e planejamento serão desenvolvidos desde os primeiros instantes de convívio do usuário com as línguas em situação de contato, ou seja, já na fase inicial de aquisição da linguagem.

Fernandes e Moreira (2014, p. 57) apontam que o bilinguismo social que envolve os surdos contempla um contexto de coexis-

tência de “duas (ou mais) formas linguísticas com divisão funcional de uso”, com uma variedade oficial, “respeitada”, o português, já padronizada e empregada na educação formal, e a outra variedade, apenas com prestígio local na comunidade surda, empregada nas situações cotidianas informais, a Libras. Para as autoras, não é a língua que é minoritária ou socialmente invisível, mas a própria comunidade que a emprega.

O bilinguismo dos surdos no Brasil apresenta uma configuração em que a comunidade tem alto grau de identificação com a Libras, empregando-a nas interações surdo-surdo e surdo-ouvinte bilíngue.

Por ser a Libras de natureza visuoespacial, há a constituição diferenciada de sentidos sobre o mundo, delineando uma cultura visual, o que assemelha essa comunidade às de grupos étnicos que utilizam línguas minoritárias, como os indígenas, por exemplo.

Independentemente de haver identificação com a sua língua de conforto, apresenta-se ao surdo a imposição da língua majoritária do país, o português, pela qual se devem realizar as interações sociais em diferentes ambientes. Dessa forma, necessariamente, a língua portuguesa assume o *status* de língua adicional para os surdos brasileiros, sendo obrigatória em sua escolarização (FERNANDES; MOREIRA, 2014).

Góes e Barbeti (2014) reiteram que os surdos partilham entre si os modos de significação do mundo, que não se apoiam na audição, diferentes dos modos da rede de sujeitos ouvintes. Assim, embora possa e deva ser membro de outros coletivos (quanto ao gênero, faixa etária, nível socioeconômico, raça, religião etc.), o surdo tem o direito de pertencer também a seu coletivo, com especificidades culturais, associado ao direito de uma formação bilíngue.

1.2 O contexto linguístico das crianças surdas

Lodi e Luciano (2014) defendem que o desenvolvimento de uma criança em uma família de ouvintes decorre das relações estabelecidas com os outros, desde o nascimento, por intermédio da linguagem. Assim, para que o desenvolvimento de uma criança surda ocorra da mesma forma, esta deve ter contato com interlocutores que possam lhe inserir também em relações sociais significativas por intermédio da linguagem. Nesse caso específico das crianças surdas, por intermédio de uma língua que lhes seja acessível, uma língua de sinais.

Capellini e Santos (2020, p. 3) reiteram que a linguagem da criança se desenvolve por intermédio das relações sociais, com base em “processos de significação mediados por outros sujeitos”, principalmente com pessoas de seu grupo social mais experientes. Para as autoras, especificamente no contexto das crianças surdas inseridas em um ambiente familiar de ouvintes, que empregam uma língua oral, há uma barreira nas interações comunicativas, o que pode afetar o desenvolvimento linguístico de forma global (CAPELLINI; SANTOS, 2020).

Para Lacerda e Nascimento (2017), é primordial que a criança surda seja exposta a interações com outros indivíduos em uma língua que lhe seja acessível, ou seja, em uma língua visuogestual. Além disso, na visão das autoras, essa exposição deve se dar desde os primeiros anos, o que aponta a importância do seio familiar como contexto dos primeiros eventos comunicativos e local de constituição e desenvolvimento da língua de sinais.

Ainda que o cenário ideal para uma criança surda seja de interação em uma língua de sinais, diversos estudos denotam que há variação na comunicação, com o emprego alternado de uma língua oral, gestos, mímicas e língua de sinais e, ainda, “sinais caseiros”. Essa variação tende a iniciar um modelo de comunicação bimodal, com emprego da língua oral e de sinais. Capellini e Santos (2020) revelam que esse modo de comunicação é muito mais recorrente

em famílias de crianças surdas e pais ouvintes, já que há também o estímulo à oralidade como tentativa de desenvolvimento linguístico dos filhos. É esse modelo que insere os indivíduos surdos em uma situação de bilinguismo, que irá se concretizar na fase escolar, com a escrita em português.

Relativamente ao direito dos surdos a uma educação bilíngue, enfatiza o documento oficial que:

A Educação Bilíngue de surdos envolve a criação de ambientes linguísticos para a aquisição da Libras como primeira língua (L1) por crianças surdas, no tempo de desenvolvimento linguístico esperado e similar ao das crianças ouvintes, e a aquisição do português como segunda língua (L2). [...] O objetivo é garantir a aquisição e a aprendizagem das línguas envolvidas como condição necessária à educação do surdo, construindo sua identidade linguística e cultural em Libras e concluir a educação básica em situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes do português (BRASIL, 2014, p. 6).

Essa situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes de português, conforme já discutido, irá depender de uma série de fatores, dentre eles da aceitação da surdez, do acesso da criança à linguagem empregada no contexto familiar (nem sempre, os pais têm o domínio de uma língua de sinais) e da avaliação que a criança e os adultos fazem da língua de sinais e da língua oral presente no ambiente, ou seja, dos valores que as línguas em contato apresentam no “mercado linguístico” (BOURDIEU, 1977).

A análise de situações de bilinguismo, portanto, deve considerar diferentes aspectos, como a comunidade de fala, os papéis e funções sociais, o *status* dos falantes e das línguas e o tópico e o domínio linguístico e social, como destacam Aguilera e Busse (2008).

Especificamente na análise proposta nesta investigação, que busca caracterizar uma comunidade surda do interior paulista, é

essencial revelar qual a caracterização sociolinguística do grupo de interação, ou seja, que características sociais e linguísticas possuem não somente os surdos, mas também outros indivíduos que os cercam. É importante revelar quais são e como se constituem as redes de relações sociais na comunidade e como se deu e como se dá o contato desses usuários com as línguas, desde a sua aquisição até o momento atual.

2. Metodologia

Com base em toda a discussão empreendida e nos objetivos de investigação, optou-se por uma pesquisa de caráter predominantemente descritivo-quantitativo, que permita o registro e a análise de características da comunidade surda, com base na aplicação de inquéritos estruturados escritos com questões que versam sobre diferentes aspectos e características da realidade linguística e social dos surdos⁷.

Participaram da pesquisa um total de 30 pessoas surdas, sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Com isso, os resultados proporcionam um levantamento estatístico de uma amostra considerável da comunidade, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística de base quantitativa, que permitem a revelação do perfil geral dos indivíduos⁸.

A comunidade surda considerada na pesquisa está localizada em São Carlos, município de porte médio da região central do estado de São Paulo⁹. Foram selecionados os indivíduos pertencentes à Associação dos Surdos de São Carlos “Jurandira Fehr” (ASSC), entidade de convívio dos surdos do município e da região.

Atualmente estima-se que a associação atenda a mais de 300 pessoas, entre surdos, familiares e interessados pela Libras e pela cultura surda. A ASSC conta com inúmeras atividades sociais, cul-

⁷ A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2020.

⁸ O quantitativo é considerado expressivo, se observado o total de indivíduos da comunidade.

⁹ O município de São Carlos possuía, em 2019, segundo estimativas do IBGE, 251.983 habitantes.

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>.

turais, educacionais e esportivas, que visam à inserção do indivíduo surdo na sociedade e, ainda, à disseminação da cultura surda entre os ouvintes.

Embora as informações relacionadas à estratificação social dos participantes tenham sido registradas em formulário, apontam-se esses dados como secundários, não se constituindo em critério de seleção e estratificação de amostra, o que se justifica pela impossibilidade de atendimento a perfis muito diversificados. Importa ressaltar que a comunidade surda investigada não apresenta a mesma dimensão das comunidades de ouvintes, não sendo possível o preenchimento de células sociais muito diversas e abrangentes¹⁰.

O inquérito de caracterização sociolinguística, submetido em formato eletrônico (*Google forms*), requisitou informações sobre: características sociais e linguísticas do participante e de sua família, detalhamento sobre aquisição da Libras e da língua portuguesa e caracterização do ambiente familiar e social¹¹. Considerando a hipótese do contexto linguístico dos participantes, foram elaboradas questões escritas em português, acompanhadas de tradução em Libras, gravada em vídeo. Dessa forma era possível aos informantes acessar versões em português ou em Libras^{12,13}.

Os inquéritos foram compilados para o fornecimento de resultados frequentiais, revelando a caracterização da comunidade. Esses resultados, associados à teoria sociolinguística, que subsidia a proposta, permitem a revelação de caracterização mais fiel do contexto de bilinguismo experienciado pelos membros da comunidade, uma realidade que é de interesse da comunidade científica e dos setores envolvidos no processo de educação dos surdos, haja vista proporcionarem melhor conhecimento da realidade sur-

10 Patrick e Metzger (1996 apud LUCAS et al., 2004), em revisão a 50 estudos relacionados à língua de sinais americana (ASL), constataram que mais da metade desses trabalhos possuía menos de 10 participantes surdos e apenas nove deles possuíam mais de 50 participantes. Além disso, algumas pesquisas apresentavam corpora em comum.

11 Neste trabalho, centramos nossa discussão nas questões relacionadas ao contexto de aquisição das línguas pelos informantes e das relações linguísticas no seio familiar. Informações sobre o contexto escolar dos participantes são apresentadas de forma complementar e serão objeto de tratamento mais detalhado em outro momento.

12 O conhecimento prévio da comunidade permitiu constatar que o aplicativo WhatsApp seria o meio digital mais acessível à comunidade, assim, após o contato inicial com os informantes, também por esse meio, os formulários foram enviados.

13 Dentre outras indagações, foram consideradas primordialmente as questões de investigação propostas Mackey (1972 apud KRUG, 2004) para elaboração do inquérito. Houve ainda a complementação com base no contato prévio com a comunidade e com outros pesquisadores.

da e fornecerem, complementarmente, subsídios para a prática pedagógica inclusiva.

Na sequência, apresentam-se os resultados gerais da presente pesquisa.

3. Resultados

A amostra coletada, como já mencionado, aponta equilíbrio entre informantes do sexo masculino e feminino e conta com representantes de diferentes faixas etárias. Predominam, entretanto, os informantes com idade entre 31 e 45 anos (51%), seguidos dos informantes com idade entre 16 e 30 anos (29%). Completam a amostra, participantes com idade entre 5 e 15 anos (10%) e 46 a 60 anos (10%). Não é demais reiterar que não houve possibilidade de seleção de informantes, mas sim de consideração de todos os que se disponibilizaram a participar¹⁴.

Além da estratificação em diferentes faixas etárias, a amostra conta com participantes que apresentam relativo equilíbrio entre as diferentes faixas de escolaridade, tendo 23,5% o Ensino Fundamental, 29% o Ensino Médio, 22,5% o Ensino Superior e 25% algum tipo de Pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado ou equivalente).

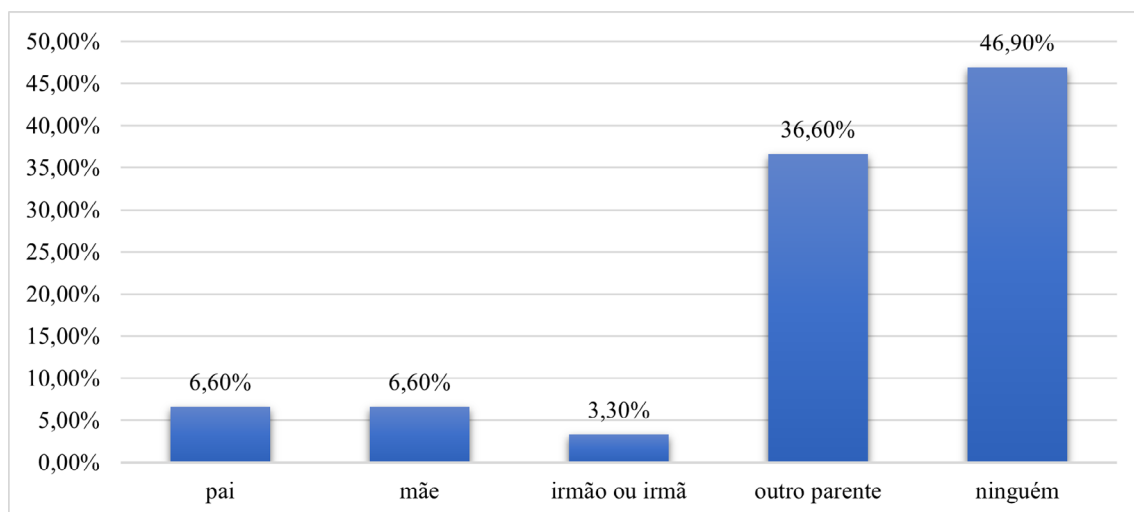
Levando-se em consideração que diferentes níveis de surdez e de percepção auditiva podem influenciar no emprego das línguas em contato, inquirimos os participantes se esses usavam algum tipo aparelho auditivo e, além disso, qual seria o grau de surdez que apresentavam. 61,3% dos participantes da pesquisa informaram não fazer uso de aparelho e 38,7% revelaram possuir aparelho para auxílio nas interações orais. Quanto ao grau ou nível de

¹⁴ O quantitativo total de 30 inquéritos somente foi atingido porque um dos pesquisadores é também membro da diretoria executiva da ASSC, o que facilitou o acesso aos informantes. Complementarmente, contamos com apoio da pesquisadora e fonoaudióloga Michele Toso Capellini, do Programa de Educação Inclusiva Bilíngue para surdos da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos, para acesso a informantes da faixa etária de 5 a 15 anos.

surdez, 84% informaram ser classificada como profunda e 16%, entre severa e profunda¹⁵.

Amparados em autores como Lodi e Luciano (2014), Lacerda e Nascimento (2017) e Capellini e Santos (2020), que defendem a necessidade de interação da criança surda com familiares em língua acessível e desde os primeiros anos de vida, investigamos se haveria na família dos participantes outros familiares surdos, o que evidenciaria, por consequência, maior probabilidade do conhecimento da Libras no seio familiar e, ainda, a presença de um interlocutor com domínio dessa língua. Os resultados, conforme se pode verificar no gráfico seguinte, apontam que 46% dos informantes não possuem outro familiar surdo. Embora 54% tenham informado possuir familiares surdos, apenas 16,5% desse quantitativo são parentes mais próximos, como pai, mãe ou irmão(ã) (6,6%, 6,6% e 3,3%, respectivamente).

Gráfico 1 – Existência de familiares surdos



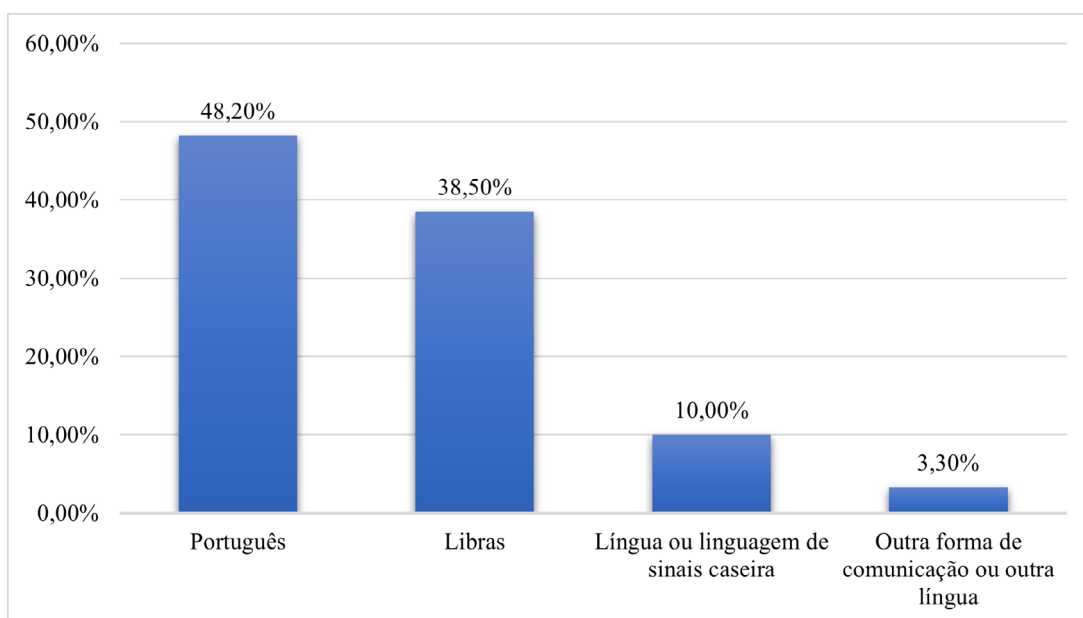
Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Esses resultados revelam, de antemão, uma possível predominância das interações em línguas orais no seio familiar, o que se confirma pela análise dos resultados apresentados nos gráficos subsequentes.

¹⁵ É considerado com surdez severa o indivíduo com percepção auditiva acima de 70 decibéis e com surdez profunda, com percepção acima de 90 decibéis. Fonte: portalotrrinolaringologia.com.br

Com o intuito de confirmar o predomínio da língua oral, o português, nas interações das crianças surdas nos primeiros anos de vida, propomos questionamento a respeito da primeira língua adquirida ou aprendida¹⁶. Como se pode observar no gráfico 2, que segue, quase metade dos informantes (48,2%) apontou ser o português sua primeira língua. Do restante da amostra, 38,5% afirmaram que a Libras foi sua primeira língua e 13,3% informaram ter adquirido, em primeiro lugar, formas caseiras de comunicação (linguagem de sinais caseira ou outra forma de comunicação).

Gráfico 2 – Primeira língua adquirida/aprendida pelo informante



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Há, nos resultados sobre a primeira língua adquirida, uma aparente contradição, já que um percentual expressivo dos participantes da pesquisa, pessoas surdas, revelaram ter adquirido o português, uma língua oral-auditiva.

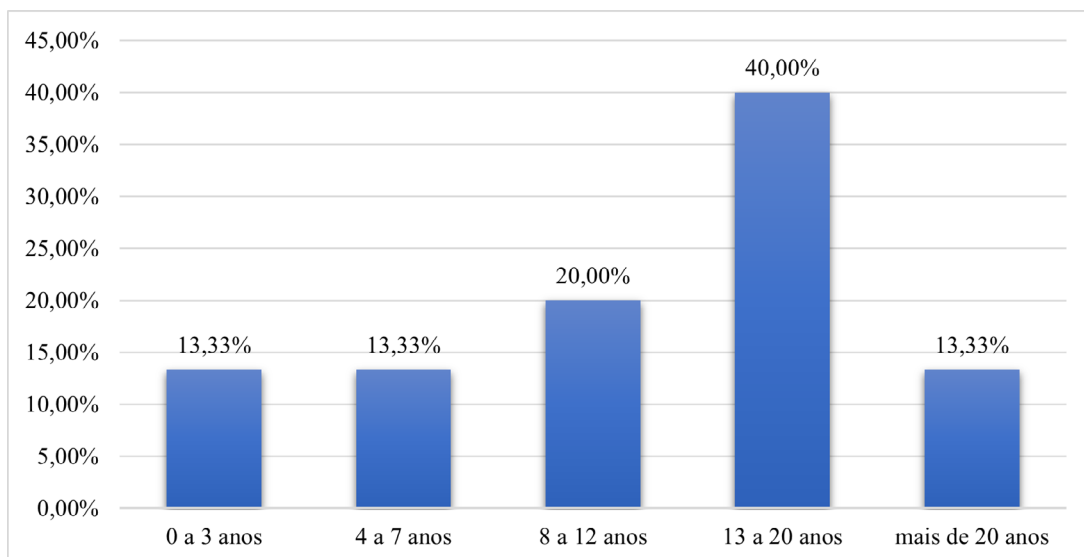
Os resultados presentes nos gráficos seguintes, entretanto, expõem mais detalhes sobre o contexto de aquisição da Libras

¹⁶ Cientes da complexa discussão em torno das denominações “língua materna” x “primeira língua”, neste estudo, optamos pelo emprego da segunda forma para nomear a língua adquirida em primeiro lugar pelo falante, principalmente porque, no contexto específico das crianças surdas, nem sempre essa língua é transmitida pela mãe.

e do português por parte dos informantes, confirmando apontamentos de Lacerda e Nascimento (2017), que defendem que um quantitativo expressivo de crianças surdas adquire tardiamente sua primeira língua.

O gráfico que segue apresenta a idade aproximada na qual os informantes acreditam ter adquirido a Libras. Como se pode observar, apenas 13,3% informaram a aquisição da língua até os 3 anos de idade e outros 13,3% revelaram a aquisição da Libras dos 4 até os 7 anos.

Gráfico 3 – Idade de aquisição da Libras pelos informantes



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Se somadas as três faixas de maior idade, podemos constatar que 73,33% dos entrevistados adquiriam a Libras de forma tardia, após os 8 anos de idade¹⁷. Chama-nos atenção, ainda, que 13,3% dos surdos apontaram ter aprendido a Libras apenas após os 20 anos de idade.

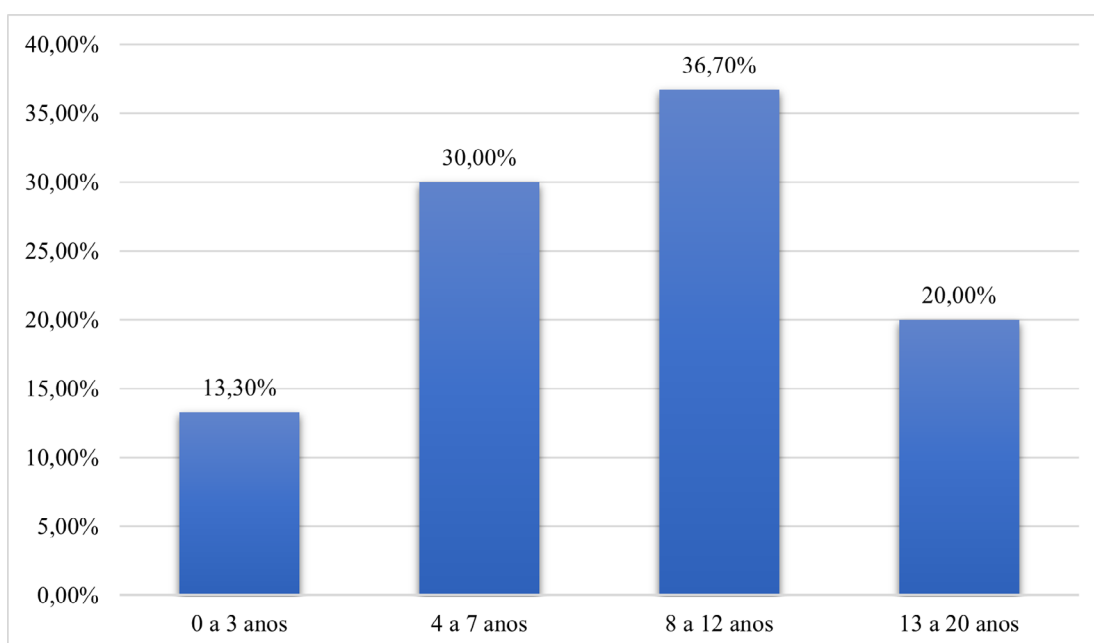
Complementarmente a essas informações, investigamos também a data aproximada de aquisição da língua portuguesa por parte dos participantes da pesquisa, para confirmar se haveria

¹⁷ Considerada como mais recorrente a idade de aquisição da linguagem até os cinco anos de idade, para contextos em que os pais e a criança são ouvintes e monolíngues (HOFF, 2009).

aquisição tardia da primeira língua ou se as crianças surdas, de alguma forma, adquiriram o português antes da Libras.

Os resultados, conforme o gráfico que segue, demonstram que um percentual maior de participantes informou ter adquirido o português antes dos 8 anos de idade (43,3%, se somadas as faixas de 0 a 3 e de 4 a 7 anos), entretanto ainda predominaram os que afirmam ter adquirido o português em idade posterior aos 8 anos (56,6%, somadas as faixas de 8 a 12 anos e 13 a 20 anos).

Gráfico 4 - Idade de aquisição do português pelos informantes

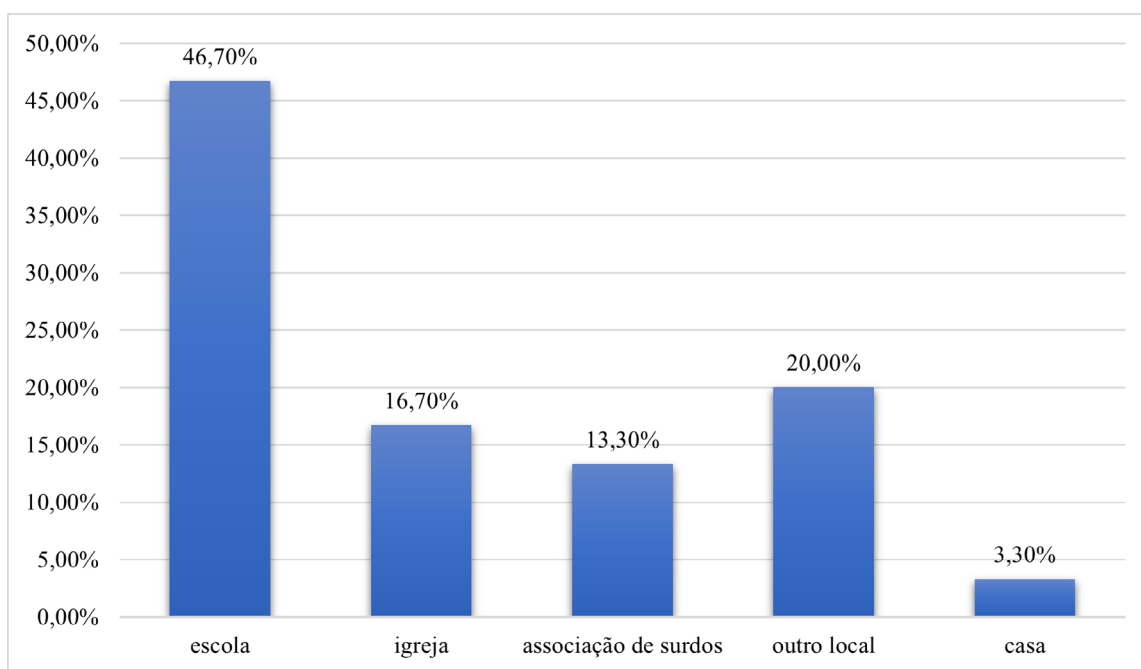


Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Os dados reunidos nos gráficos denotam, de modo geral, que, ainda que a Libras seja a língua acessível aos surdos, não é a língua adquirida mais frequentemente como primeira língua, contrariando os apontamentos de Lodi e Luciano (2014) sobre a necessidade de contato das crianças surdas como uma língua que lhes seja acessível, principalmente em seus primeiros anos de vida. Independentemente da língua adquirida, merece destaque o fato de, nos dois gráficos, um quantitativo superior a 50% apontar aquisição da primeira língua apenas após os 8 anos de idade.

Com base na afirmativa de Capellini e Santos (2020), de que os familiares ouvintes, desconhecendo as línguas de sinais, empregam, junto dos surdos, as línguas orais, investigamos quais seriam os locais de aprendizado ou aquisição das línguas dos informantes, a Libras e o português. Segue o resultado sobre o local de aquisição da Libras e, na sequência, de aquisição do português.

Gráfico 5 – Local de aquisição/aprendizagem da Libras



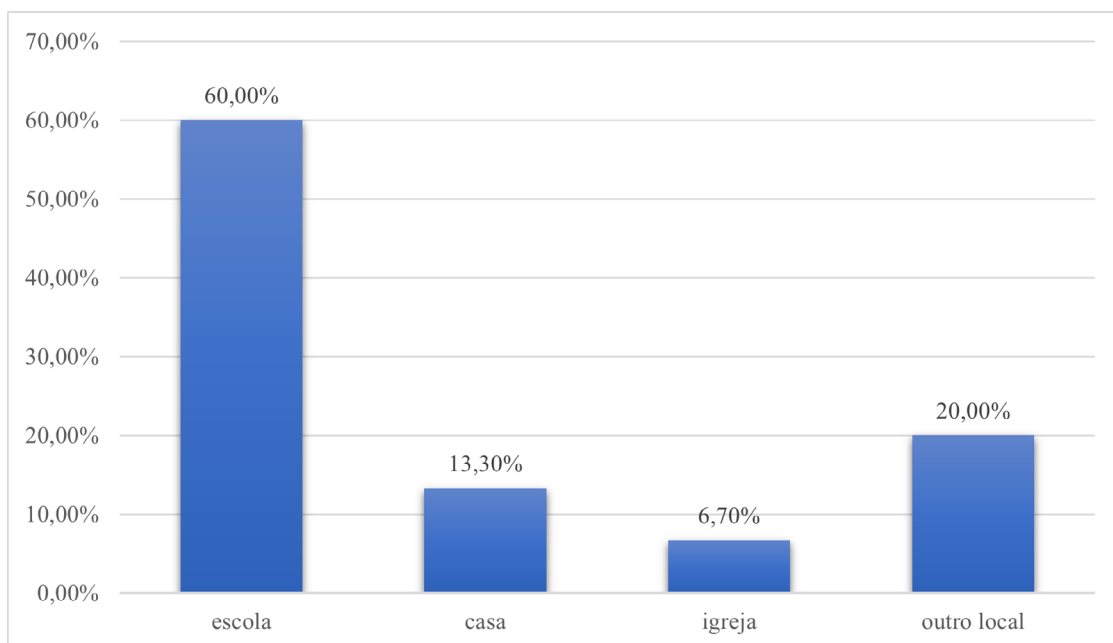
Fonte: elaborado pelos autores (2021).

A escola foi indicada como o ambiente onde ocorre o contato com a Libras para a maioria dos surdos entrevistados (46,7%). Outros ambientes sociais foram também mencionados como responsáveis pela aquisição da Libras, como a igreja e a associação de surdos (respectivamente, com 16,7% e 13,3%). Destaca-se, contudo, o apontamento por apenas um informante da amostra (3,3%) de que a casa foi o local de aquisição da Libras. Isso confirma de forma bastante explícita a falta de exposição das crianças surdas, no ambiente familiar, a uma língua que seja verdadeiramente acessível, a Libras. Além disso, sinaliza a importância dos outros ambientes como locais de interações em língua de sinais para os

surdos. Esses locais, como podemos notar com base nos resultados seguintes, também se revelam fundamentais para a aquisição do português.

Os resultados presentes no gráfico 6 evidenciam que a escola também foi apontada como principal ambiente de aprendizagem do português (60%), elevando ainda mais a sua importância para essa comunidade. Merece destaque também o fato de 13,3% dos informantes informarem que adquiriam o português em casa, um quantitativo mais expressivo do que os que indicaram ter adquirido a Libras em casa (3,3%).

Gráfico 6 – Local de aquisição/aprendizagem do português

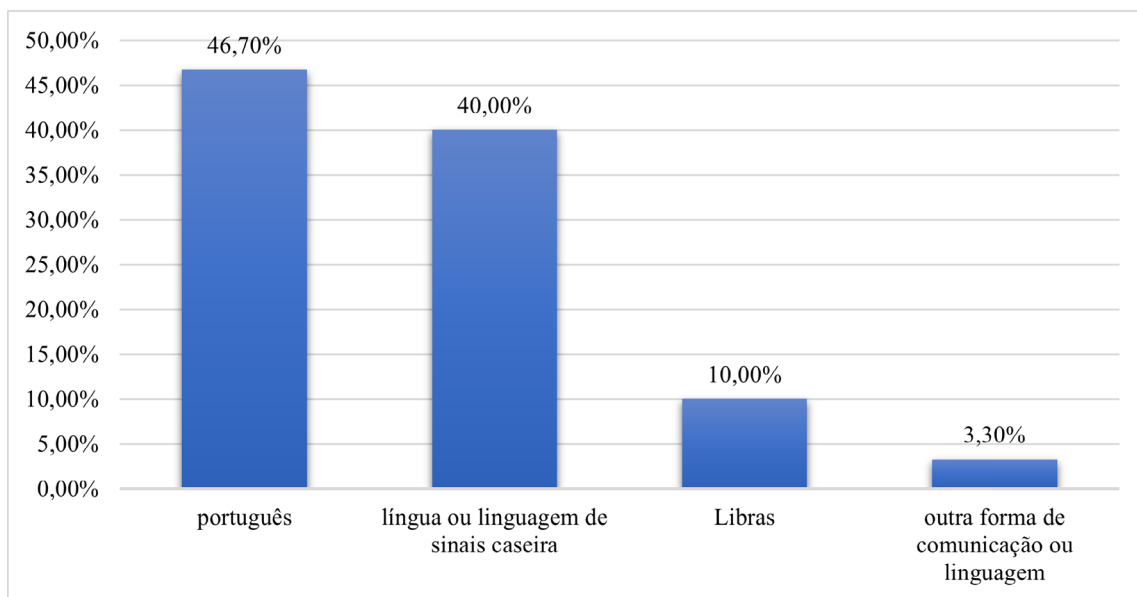


Fonte: elaborado pelos autores (2021).

A análise conjunta dos dois gráficos pode confirmar as observações relacionadas ao contexto linguístico do ambiente familiar das crianças surdas, sugerindo que há o privilégio da língua oral em lugar da língua de sinais, o que ocasiona não só a falta de contato com a Libras, mas também o contato irregular com o português oral, que somente será adquirido posteriormente, na escola, em sua modalidade escrita. Esses apontamentos são confirmados

com base nos resultados que seguem, que revelam qual a língua empregada predominantemente no seio familiar, nos primeiros anos de vida dos informantes.

Gráfico 7 – Língua empregada pela família para comunicação com o informante

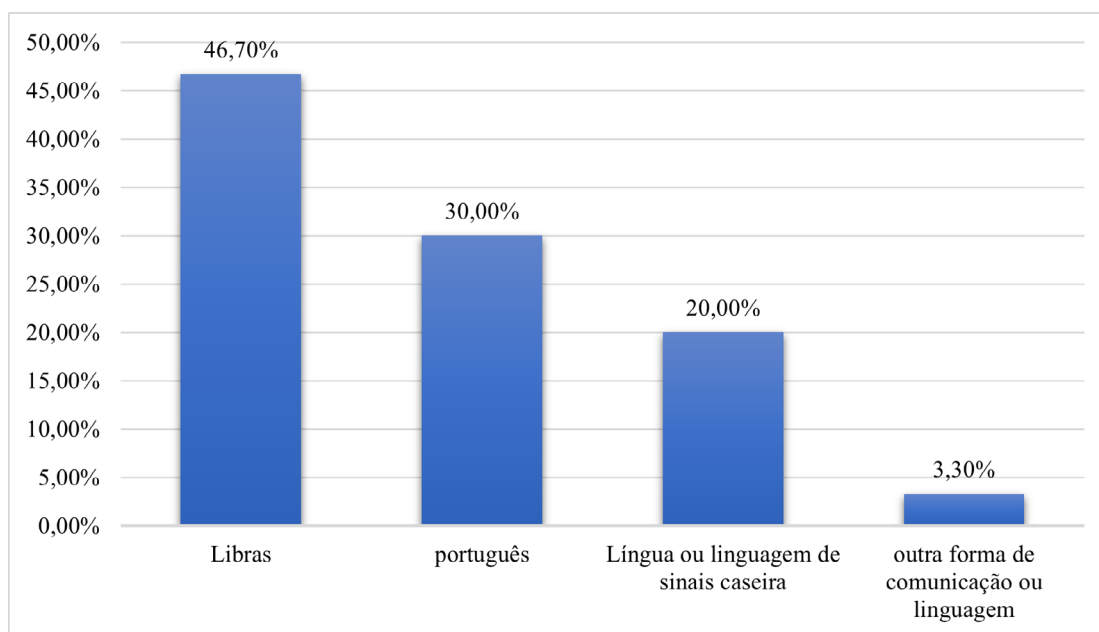


Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Comprova-se a falta de conhecimento da Libras pela maioria dos familiares das crianças surdas, pois apenas 10% dos entrevistados informaram empregar essa língua no seio familiar. É possível notar que, desconsiderando a falta de acesso às línguas orais por parte dos surdos, 46,6% de seus familiares faziam uso do português nas interações. O desconhecimento da Libras pelos familiares ouvintes também pode ser verificado pela indicação de 40% dos informantes de que havia, nas comunicações familiares, o emprego de sinais caseiros.

No entanto, apesar de não haver o predomínio da comunicação em Libras com os familiares nos primeiros anos de vida dos surdos, essa situação não se mantém nos anos seguintes, como revelam os resultados que tratam da língua empregada no contexto familiar atual. 46,7% dos entrevistados informam que, atualmente, empregam, junto da família, a Libras para comunicação.

Gráfico 8 – Língua empregada atualmente pelo informante com os familiares



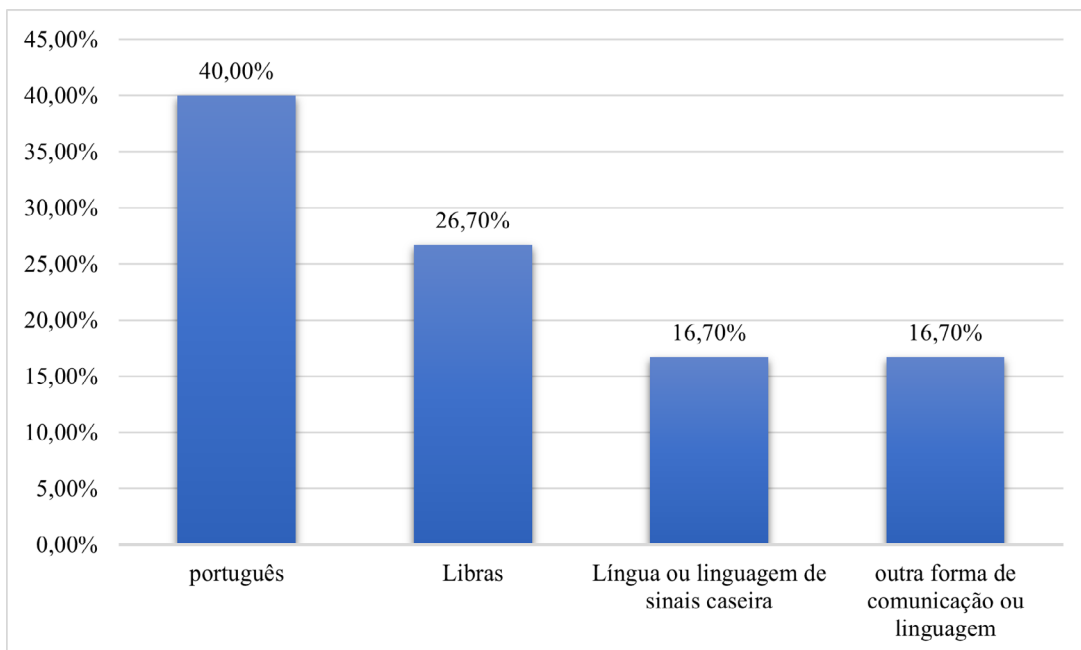
Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Embora o português tenha sido mencionado como forma de comunicação mais empregada no seio familiar por 30% dos entrevistados, é possível se afirmar que parte das famílias passam por um processo de adaptação, com a aquisição da Libras pelos ouvintes.

A imposição da língua majoritária, o português, sobre a Libras é ainda mais notória nas relações sociais externas (não familiares). Como aponta Woll *et al.* (2004), por consequência de uma diferença de *status* entre as línguas, que irá gerar uma determinação às classes usuárias de línguas minoritárias para a manifestação de uma divisão funcional de uso (FERNANDES; MOREIRA, 2014).

Os resultados que seguem evidenciam o contexto de bilinguismo dos surdos nas interações fora de casa, demonstrando que 40% dos entrevistados, mesmo sendo surdos, empregam mais a língua portuguesa do que a Libras na comunicação diária. A Libras é mencionada como língua mais frequente nesse contexto por apenas 26,7% dos surdos.

Gráfico 9 – Língua empregada pelo informante fora de casa



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Os resultados expõem outra dificuldade imposta às pessoas surdas, o emprego de outra forma de comunicação nas interações (língua ou linguagem caseira de sinais (16,7%), outra forma de comunicação ou linguagem (16,7%), para suprir a falta de acesso ao português oral por parte dos surdos e o desconhecimento da Libras pelos ouvintes.

Retomando os apontamentos de Aguilera e Busse (2008), a pessoa surda experimenta não somente o bilinguismo, mas também o biculturalismo, determinado pelas diferentes relações sociais que estabelece. Há diferentes núcleos, que irão apresentar o predomínio de uma maioria ouvinte e, por consequência, da língua oral, no contexto brasileiro, o português, ou o predomínio de uma maioria surda e, consequentemente, da língua de sinais, a Libras. Dessa forma, há comunidades e redes com o emprego de línguas e culturas diferentes, como podemos observar nas figuras que seguem, elaboradas a partir das respostas dos informantes a respeito dos locais de emprego da Libras e do português.

Figura 1 – Locais de emprego da Libras pelos informantes



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Os contextos mais recorrentes de emprego da Libras, segundo os participantes da pesquisa, em destaque na “nuvem de palavras”, são os relacionados a redes de relações com outros surdos e amigos, e os locais como a escola, a associação de surdos, a igreja e o trabalho.

Quando questionados sobre o local de emprego do português, outras redes e locais foram mencionados. Os contextos mais recorrentes foram a escola, a família, a casa e a internet, além de locais diversos relacionados a serviços, como banco, lojas, médico, mercado, shopping.

Figura 2 – Locais de emprego do português pelos informantes



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

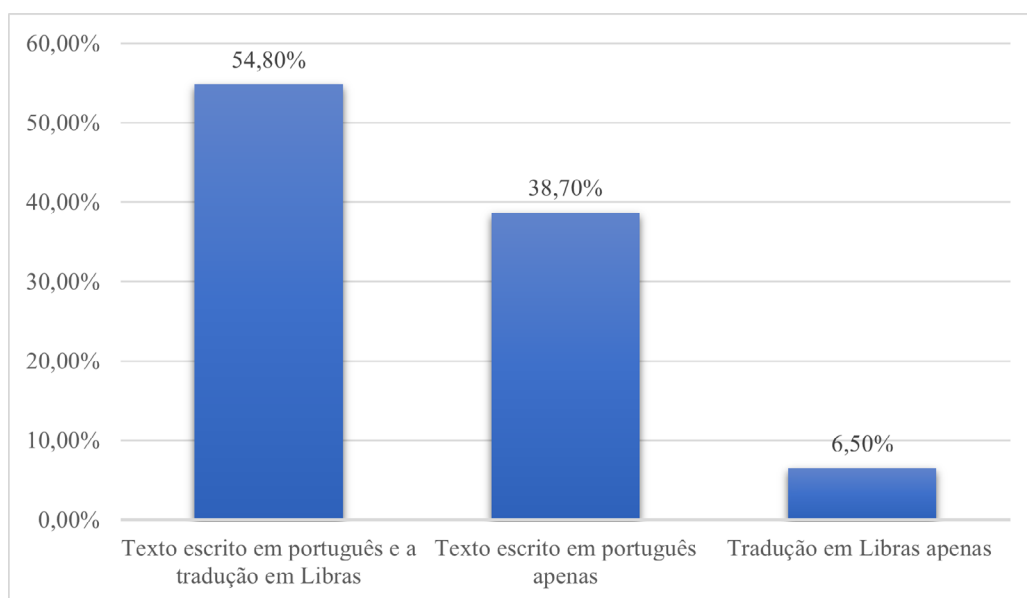
A análise conjunta das duas imagens denota a divisão funcional de usos linguísticos, sinalizada por Fernandes e Moreira (2014), muito comum nos contextos bilíngues. Ademais, é possível verificar que a Libras, para os surdos, é empregada em alguns contextos nos quais há maior poder de decisão sobre participação, como são a igreja, a associação, os amigos em geral e a comunidade surda. O português, diferentemente, em grande parte dos contextos, não é uma opção, mas sim uma determinação social, como se pode observar, por exemplo, pelas respostas família, casa, internet, médico, lojas, banco e fono(audiólogo/a).

A escola revela-se um dos poucos contextos que se revelam como de possível alternância das duas línguas e culturas, já que foi resposta recorrente para as duas questões. Essa constatação reforça o papel deste ambiente na constituição do sujeito bilíngue, respeitando-se a especificidade de a língua portuguesa, para a maioria dos surdos, ser empregada apenas em sua modalidade escrita.

Com o intuito de verificar, inclusive, como se estabelece a relação dos participantes com as duas línguas, propusemos que infor-

massem como haviam respondido ao inquérito bilíngue proposto pela pesquisa¹⁸.

Gráfico 10 – Língua empregada para resposta ao questionário



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

O gráfico revela que 54,8% dos informantes empregaram tanto o texto escrito em português quanto a tradução em Libras para suas respostas, o que corrobora o fato de se tratarem de usuários que utilizam as duas formas de comunicação complementarmente. Esse percentual, associado ao percentual de informantes que apontou o emprego apenas do texto escrito em português (38,7%) ratificam a situação de “imposição” da língua portuguesa sobre a comunidade surda, fato justificado, segundo Woll *et al.* (2004), pela diferença de *status* entre as línguas.

Considerações finais

A pesquisa objetivou proporcionar uma caracterização sociolinguística geral da comunidade surda da cidade de São Carlos,

¹⁸ Como informando na metodologia de pesquisa, as questões foram apresentadas em português escrito com tradução para Libras em vídeo.

confirmando de forma estatística apontamentos até então observacionais de diversos outros pesquisadores tanto para essa comunidade quanto para outras comunidades.

O olhar mais detalhado sobre uma amostra mais representativa permitiu, além da confirmação do que já se anunciara, revelar mais detalhes sobre os efetivos empregos das línguas em contato na comunidade linguística. Foi possível observar que o português é visto como primeira língua na comunidade com maior frequência do que a Libras. Além disso, constatou-se que os surdos, com base nas informações coletadas, adquirem a Libras e o português tardiamente, em sua maioria, após os 8 anos de idade.

O ambiente familiar não é local de aquisição da Libras nem do português para a maior parte dos surdos participantes da pesquisa. Essa constatação, além de indicar o contrário do que se constitui como situação ideal para uma criança, justifica a aquisição tardia da primeira língua pela maioria dos membros da comunidade. Foi revelado ainda que a Libras, apesar de língua acessível aos surdos, é língua preterida no seio familiar.

Fora do contexto familiar, a imposição da língua majoritária, o português, também se confirma, haja vista os resultados exibirem seu maior emprego nos contextos de interação externos.

Relativamente às redes de relações linguísticas e sociais das quais participam os inquiridos, foi possível verificar uma divisão de contextos de emprego da Libras e do português, com a primeira se revelando como alternativa junto de outros surdos e a segunda, como forma necessária junto dos ouvintes. Destaque deve ser dado para a confirmação de que a escola é ambiente tanto de emprego da Libras como de emprego da língua portuguesa, o que reforça sua importância, em especial para a comunidade surda, e sugere, inclusive, investigação mais detalhada das relações que ocorrem nesse contexto interacional.

Conclui-se, com base nos resultados de pesquisa que, apesar de a língua portuguesa, para grande parte dos indivíduos surdos, constituir-se em língua de emprego apenas na modalidade escrita,

exerce papel importante na comunicação e apresenta *status* elevado, no contexto bilíngue bimodal desses usuários. Esse fato foi constatado pelo apontamento dos próprios participantes sobre o emprego do texto escrito em português em conjunto com a tradução em Libras para resposta ao inquérito de pesquisa.

As informações apresentadas neste trabalho estão longe de proporcionar o conhecimento pleno do perfil sociolinguístico da comunidade de surdos de São Carlos, entretanto, modestamente, jogam mais luz a características e questões que até então eram mencionadas apenas de forma observacional. Os resultados, dessa forma, longe de encerrarem a investigação da comunidade, demonstram a necessidade de novos estudos, que também desvelam outros aspectos sobre o contexto de bilinguismo bimodal no qual os surdos se inserem.

Referências

AGUILERA, V. A.; BUSSE, S. **Contato linguístico e bilinguismo:** algumas reflexões para o estudo do fenômeno da variação linguística. *Línguas & Letras*; v. 9, n. 16, 2018, p. 11-25. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1704>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BOURDIEU, P. **L'économie des échanges linguistiques.** *Langue française*, n. 34, 1977. *Linguistique et sociolinguistique*, sous la direction de Pierre Encrevé. pp. 17-34. Disponível em: https://www.persee.fr/docAs-PDF/lfr_0023-8368_1977_num_34_1_4815.pdf. Acesso em: 12 jan. 2020.

BRASIL. **Relatório do Grupo de Trabalho designado por Portaria Ministerial para elencar subsídios à Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEESP, 2014.

CAPELLINI, M. T.; SANTOS, L. F. dos. As interações comunicativas entre famílias ouvintes e sujeitos surdos: possibilidades de ressignificações. **Revista Educação Especial**, v. 33, Santa Maria-RS, 2020, p. 1-23.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/48563/html>. Acesso em: 2 fev. 2021.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial n. 2, 2014, p. 51-69. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/05.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante – RS**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GÓES, M. C. R. de; BARBETI, R. S. As interações da criança surda no espaço do recreio e sua formação bilíngue *In*: LACERDA, Cristina; LODI, Ana. (Orgs). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. 4. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

HOFF, E. Desenvolvimento da linguagem nos primeiros anos de vida: mecanismos de aprendizagem e resultados do nascimento aos cinco anos de idade. Em: Tremblay, R.E., Boivin, M., Peters, R.D.V., Rvachew S., eds. **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância** [on-line], 2009. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/desenvolvimento-da-linguagem-e-alfabetizacao/segundo-especialistas/desenvolvimento-da-linguagem-nos>. Acesso em: 4 mar. 2021.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos. **Tenho um aluno surdo, e agora?: introdução à Libras e educação de surdos**. São Carlos: EduFSCar, 2018.

LACERDA, C. B. F. de; NASCIMENTO, L. C. R. Aquisição de Linguagem: Refletindo sobre a Criança Surda e a Língua de Sinais. In: LAMÔNICA, D. A. C; BRITTO, D. B. O. **Tratado de linguagem: perspectivas contemporâneas**. Ribeirão Preto: Booktoy, 2017, p. 5-10.

LODI, A. C. B; LUCIANO, R. T. Desenvolvimento da linguagem de crianças surdas em língua brasileira de sinais. In: LODI, A. C. B; LACERDA, C. B. F. (orgs.) **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014, p. 33-50.

LUCAS, C. **The sociolinguistics of Sign Languages**. Cambridge United Press: Cambridge, 2004.

LUCAS, C.; BAYLEY, R.; VALLI, C. ROSE, M.; WULF, A. Sociolinguistic variation. In:

LUCAS, C. **The sociolinguistics of Sign Languages**. Cambridge United Press: Cambridge, 2004, p. 61-112.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, D. **Africanos, crioulo e a língua portuguesa**. 2008. Disponível em: <http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/ane-xos/10122008232732.pdf> Acesso em 25 de julho de 2018.

MAHER, T. A criança indígena: do falar materno ao falar emprestado. IN: FARIA, A.L.G. e

MEGALE, A. H. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 3, n. 5, agosto de 2005. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em 22 ago. 2019.

PETTER, M. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. DE. Documentação da língua brasileira de sinais. GARCIA, M. V. C. (orgs.) **Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística**. Brasília, DF: Iphan, 2016, p. 157-174.

RODRIGUES, Isabel Cristina; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, Dec. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984=63982014000400014-&lng=en&nrmiso. Acesso em 19 mar. 2020.

SOUSA, A. N. **Educação plurilíngue para surdos: uma investigação do desenvolvimento da escrita em português (segunda língua) e inglês (terceira língua)**. Florianópolis, 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, J. C. **Dicionários bilíngues português-Libras no ensino para surdos: usos e funções**. São Carlos, 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de São Carlos.

TOSTES, S. R. A. **Atuação de psicólogo bilíngue no atendimento terapêutico à pessoa surda**. São Carlos, 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos.

WEINREICH, U. **Languages in contact: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=FbFxAAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 20 jan. 2020.

WOLL, B.; SUTTON-SPENCE, R.; ELTON, F. Multilingualism: the global approach to sign languages. *In*: LUCAS, Ceil. **The sociolinguistics of Sign Languages**. Cambridge United Press: Cambridge, 2004. p. 8-33.